

JOYCE E LACAN: algumas notas sobre escrita e psicanálise
JOYCE AND LACAN: some notes on writing and psychoanalysis

Doris Rinaldi¹

RESUMO

Este artigo pretende trazer à discussão a importância da escrita para a experiência psicanalítica, levando em conta que a psicanálise é essencialmente uma práxis fundada na fala. A escrita de James Joyce fascina Lacan pelo modo como ele utiliza a linguagem. Ao segmentar frases e quebrar palavras, o escritor irlandês apresenta o modelo do inconsciente pensado como conjunto de *letras*, no qual estamos engajados pela via do *Sinthoma*. No seminário que dedica a Joyce, Lacan desloca sua concepção de sintoma, como metáfora significante que se oferece à decifração em análise, para concebê-lo em relação ao real do inconsciente, na conjunção entre *letra* e *gozo*. O *Sinthoma*, como escrita de gozo, é inanalizável. O que tentamos mostrar é como Lacan, inspirado pela escrita de Joyce, desenvolve sua escrita do nó borromeano, apresentando-nos, através dela, o seu próprio *Sinthoma*, em que sustenta o *Real* como sua invenção.

Palavras-chave: escrita, *sinthoma*, real, gozo

SUMMARY

This article intends to bring to the quarrel the importance of the writing for the psicanalítica experience, leading in account that the psychoanalysis is essentially práxis established in speaks. The writing of James Joyce fascinates Lacan for the way as it uses the language. When segmenting phrases and breaking words, the Irish writer presents the thought unconscious model of as the joint one of letters, in which is engaged by the way of the *Sinthome*. In the seminary that dedicates the Joyce, Lacan dislocates its conception of symptom, as significant metaphor that if it offers to the decipher in analysis, to conceive it

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil, professora adjunta do programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

in relation with the Real of the unconscious one, in the conjunction between letter and joy. The Sinthome, as written of joy, is impossible to analyze. What we try to show is as Lacan, inhaled for the writing of Joyce, develops its writing of the borromeano knot, presenting us, through it, its proper Sinthoma, where it supports the Real as its invention

Keywords: written, *sinthome*, real, joy.

“Joyce é o signo do meu embaraço...”
(Lacan, Seminário 23, *O Sinthoma*)

O pedaço da frase proferida por Lacan na sessão de 16 de março de 1976 do Seminário dedicado a Joyce², escolhido como epígrafe para este trabalho, anuncia a importância que ele atribui ao escritor irlandês que revolucionou a literatura, mas também o ponto em que Joyce, para Lacan, faz sintoma. Se o sentido do sintoma é o real, enquanto aquilo que se coloca em cruz para impedir que as coisas andem bem, tal como definido em “A Terceira” (Lacan, [1974] 1986:24), a arte de Joyce, com sua escrita enigmática, fascina Lacan ao levá-lo a um ponto de embaraço, real, onde ele se defronta com os limites da análise. É a partir desse limite real que dá um passo a mais na teoria, apresentando uma nova concepção de sintoma - que grafa como Sinthoma, numa contração dos termos Santo homem³, retirando-o da condição de metáfora significante, efeito do recalque, para enraizá-lo no real, na conjunção entre *letra e gozo*. O Sinthoma, tal como Joyce o apresenta de uma forma artística, é inalisável.

De *O retrato do artista quando jovem* a *Finnegans Wake*, passando por *Ulisses*, romance que marca uma virada decisiva na literatura universal, a obra de Joyce se mostra como uma longa fabricação de enigmas. Se Stephen Dedalus é seu duplo, na medida em que decifra seu próprio enigma, entretanto, como assinala Lacan, isso não vai muito longe porque ele acredita em todos os seus sintomas. Ao final de *O retrato de um artista quando jovem*, ele acredita na “consciência incriada de sua raça” e reivindica um pai, ao dirigir uma oração ao “velho pai, velho artífice”, pedindo que o mantenha, “agora e sempre, em boa forma” (Joyce, (1916) 1984:263). Pedido vão porque toda sua obra vem reafirmar a carência paterna. Em *Ulisses* ele busca esse pai, mas não o encontra de modo algum. Leopold Bloom está de certa forma neste lugar, uma vez que procura um filho para si, mas Stephen o descarta. Stephen é o filho necessário, o que não cessa de se escrever. O romance é o testemunho de que Joyce, ao mesmo tempo que renega o pai, permanece enraizado nele; este é, para Lacan, o seu sintoma.

² *Seminário 23, O Sinthoma (1975-76)*, inédito.

³ Também como grafia antiga.

Finnegans Wake é um sonho em que o sonhador não é nenhum personagem em particular, mas é o próprio sonho. Nele, a linguagem se compõe e se decompõe na farta produção de neologismos e a leitura torna-se possível somente porque se pode pressentir o gozo de quem escreveu. Vários comentadores da obra de Joyce observam que ele ria enquanto escrevia *Finnegans Wake*. Fazendo da letra (*letter*) lixo (*litter*)⁴, Joyce evidencia o que Lacan chama de Sinthoma, não mais como algo que produz equívocos que mobilizariam o inconsciente de qualquer um, mas como sintoma puro elevado à potência de gozo da linguagem, o que supõe um *savoir-faire* diante do qual não há nenhuma possibilidade de análise. Apesar de jogar estritamente com a linguagem, Joyce é, para Lacan, “não assinante do inconsciente” (Lacan, (1975) 1986:24).

Como se explica, então, o interesse de Lacan por Joyce? Os detalhes biográficos, apresentados na conferência de abertura proferida por ele no 5º Simpósio Internacional James Joyce⁵, em que se refere ao seu precoce encontro com Joyce e o fato de ter carregado ao longo da vida os livros de Joyce, além dos livros sobre Joyce, dão uma indicação do valor que o escritor teve para ele, mas não são suficientes para explicar o fato de tê-lo tomado como objeto de trabalho ao longo de todo um seminário.

Joyce não falou, ele escreveu, e a psicanálise é essencialmente uma praxis fundada na fala. Isso não significa que não se possa tomar textos - literários ou não - para análise e/ou como esteio para avanços teóricos, como fez Freud. O Presidente Schreber não foi paciente de Freud, mas foi a análise de seu livro de memórias que permitiu que ele formulasse a noção de delírio como tentativa de cura, fundamental para a teoria da psicose. Lacan, ao fazer de alguns textos literários objeto de suas elucubrações⁶, tomou o cuidado de dizer que não se tratava de uma aplicação da psicanálise à arte, que sempre recusou, mas, inversamente, de uma aplicação da arte à psicanálise, uma vez que o artista sempre precede o psicanalista e lhe abre os caminhos⁷. É nesta perspectiva que retoma Joyce, interessado

⁴ Lacan trabalha sobre o deslizamento operado por Joyce, entre *letter* e *litter*, desde o texto de 1971, Lituraterra (2003). Sobre isso ver Martinho, J. e Laurent, E. (1986).

⁵ Conferência dada por J. Lacan em 16 de junho de 1975, na abertura do 5º Simpósio Internacional James Joyce., em Paris, intitulada “Joyce, O Sintoma”.

⁶ Por exemplo: “A carta roubada” e “Juventude de Gide ou a letra e o desejo” em *Escritos* ((1966) 1998).

⁷ “A única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, ainda que essa lhe tenha sido reconhecida como tal, é a de recordar com Freud que, em sua matéria, o artista sempre o precede, e que não

não em fazer uma análise do conteúdo de sua obra – isto deixa ao cargo de Jacques Aubert, especialista em Joyce, que, a seu convite, faz uma longa intervenção em seu seminário - ou uma psicobiografia do autor, mas em analisar a posição de Joyce em relação à *escrita* e a à *letra*.

Neste seminário, Lacan afirma que a *escrita* o interessa porque, “historicamente, foi por pequenos pedaços de escrita que se penetrou no real, a saber, que se cessou de imaginar. A escrita de letrinhas, letrinhas matemáticas, é isso que sustenta o real” (Lacan, Seminário 23, *O Sinthoma*, lição de 13/01/1976). À diferença da fala que traz a questão da verdade, do dizer verdadeiro, “*quando se escreve pode-se bem tocar no real, mas não no verdadeiro*”, diz Lacan. (idem, 10/02/1972).

A psicanálise, desde Freud, parte da suposição de que o inconsciente é um *saber falado*. O inconsciente é efeito da linguagem que no real faz furo. O ponto de partida da psicanálise é que a linguagem é habitada por aquele que fala, onde os significantes, que se modulam na voz, engancham-se uns nos outros, nos ditos e nos dizeres. É ao convidar o ser falante a dizer besteiras que a prática analítica abre espaço para a emergência de sujeito, como efeito do discurso, através de um dizer verdadeiro que tem sempre um caráter contingente. A interpretação supõe que o inconsciente é um saber e é esse saber que trabalha numa análise.

O discurso analítico, como laço social que possibilita a elaboração do trabalho do saber inconsciente, reserva o lugar da verdade e coloca nele a suposição de um saber como interpretação. Em relação àqueles que o procuram para análise, Lacan observa que os dirige de modo a que lhes dê prazer dizer a verdade, como efeito da transferência. Mas adverte que a verdade se funda sempre na suposição do falso, na denúncia da não-verdade: ela é contradição e por isso só se diz pela metade. Dessa divisão, resta alguma coisa impossível de dizer, real, que se apresenta de forma enigmática.

Esse impossível diz respeito à *não existência de relação sexual*, modo pelo qual define, neste momento de seu percurso, o real. É isto que se encontra, como enigma, no centro do discurso analítico. O dizer verdadeiro é a marca por onde escorrem os significantes que contornam a impossibilidade de se escrever a relação sexual como tal. O

há por que fazer-se psicólogo ali onde o artista lhe trilha o caminho” (Lacan, 1965: 8-9 apud Regnault, 2001:20).

real só se franqueia pelo *escrito*, diz Lacan no Seminário 21, *Os não tolos erram* (1973-74).

O que isso quer dizer? O escrito, e mais radicalmente a letra, são também efeitos de discurso. Estão, todavia, em outra dimensão que o dizer, pois a letra, por si só não tem sentido algum. A matemática vem evidenciar isto, ao se articular numa escrita que está para além da linguagem corrente. O dizer baseia-se na palavra, que comporta uma dimensão imaginária, pois a fala tem função de significação; mas o escrito dispensa esta dimensão, não exigindo necessariamente a compreensão, como atesta a escrita poética.

Ainda que Lacan lamenta não ter escutado Joyce, o seu fascínio por ele advém justamente do modo como utiliza a linguagem, construindo uma escrita em que o jogo de letras revela algo que é fundamental para a experiência analítica, que é o *lapso*. Desde Freud o *lapso* está no centro da noção de inconsciente e, se o tomarmos como índice do real, podemos dizer que a escrita de Joyce toca o real.

O interesse de Lacan pela escrita é bem antigo, como se pode ver ao longo de sua obra, em que constrói diversos esquemas e grafos, com farta utilização de letras. Do esquema L ao grafo do desejo e, mais adiante, da lógica dos quatro discursos às fórmulas quânticas da sexuação, sua tentativa é de, através da escrita, reduzir ao máximo o imaginário na transmissão da psicanálise.

Tal interesse remonta às formulações sobre o *traço unário*, a partir do *einzigster Zug* formulado por Freud na teoria da identificação⁸, que Lacan retoma dando-lhe um caráter estrutural, como a cifra mais simples, marca primeira de surgimento do sujeito. Esta marca inscreve uma diferença a partir da qual o sujeito pode se contar. Como letra, ao mesmo tempo que representa o sujeito no seu nascedouro, possibilitando uma identificação simbólica, traz a memória de um gozo perdido, que inaugura o processo de repetição característico do movimento inconsciente na busca do objeto. Há, portanto, uma escrita primordial que marca o sujeito na sua singularidade, onde se articulam letra e gozo. O sujeito “só inventa” o significante a partir de “alguma coisa que já está lá para ser *lida* – o traço”.⁹

⁸ No texto “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921) Freud trabalha, na segunda forma de identificação, a introjeção do objeto no eu, através da identificação a um traço deste objeto (*einsiger Zug*).

⁹ Lacan (L’identification) in Kaufmann, 1996:473)

Pensar a escrita desta forma introduz uma novidade para a experiência analítica, porque traz, ao lado da dimensão da *escuta*, uma outra dimensão: a da *leitura*. Lacan se pergunta sobre a função do escrito em psicanálise, enfatizando a dimensão da leitura e seu lugar no discurso analítico. “É evidente que, no discurso analítico, só se trata disto, do que se lê, para além do que vocês incitaram o sujeito a dizer”.(Lacan, (1972-73)1982:39). A relevância dada à leitura decorre da supremacia que atribui ao significante em sua relação com o significado, que faz com que se possa ler um enunciado de modo diferente do que ele significa, mas também da suposição de que há *letras* que compõe uma *escrita* que pode ser lida. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, é concebido como ajuntamentos de letras que constituem o que designa pelo neologismo *alíngua* (*lalangue*) que articula traços que vão muito além do que o ser falante pode enunciar, constituindo-se como enigmas, isto é, enunciações sem enunciado. A linguagem já é uma elucubração de saber sobre *alíngua*, pois vem em suplência daquilo que do real não pode jamais se dizer.

No Seminário sobre Joyce, Lacan dá ao traço unário uma outra sustentação a partir do nó borromeano, através do qual reapresenta seus três registros – real, simbólico e imaginário. “O homem é um conjunto trinitário de elementos. Um elemento é o que faz Um, dito de outro modo, o traço unário..... A característica dos elementos é que procedemos a sua combinatória: real, simbólico e imaginário” (11/05/1976).

O nó borromeano é mencionado pela primeira vez por Lacan no Seminário 19, *Ou pior* (1971-72), mas é nos anos seguintes, principalmente nos seminários *Os não-tolos erram* (1973-74), *RSI* (1974-75) e *O Sinthoma* (1975-76) que desenvolve a teoria dos nós, como modo de *escrita topológica* por meio da qual pretende *apresentar* o inconsciente. A partir de então o simbólico não terá mais primazia sobre os outros registros, já que, no nó, há equivalência entre eles. Suas principais questões passam, nesse momento, a dizer respeito ao registro do real, que deixa de ser definido como pura suposição em relação aos dois outros registros (simbólico e imaginário). Em 1974 afirma que não se trata mais de tomar o real como suposto, numa posição que o subjuga ao imaginário ou ao simbólico, acrescentando que, para demonstrar o impossível, é preciso buscar o fundamento em outro lugar, isto é, no nó (Sem. 21, 15/01/1974).

O real é apresentado como constitutivo do nó a partir da noção de triplicidade, que já está marcada na língua, onde o *três* insiste. Nós, como sujeitos, somos pacientes desta

triplicidade e a topologia, matematicamente definida, permite, não suportar um sujeito, porque ele é sempre suposto, mas abordá-lo sem imagem, a partir de letras que estão no real. Os três elos do nó são equivalentes, mas cada qual tem a sua especificidade: o imaginário é consistência, o simbólico caracteriza-se pelo furo e o real se suporta da existência. O nó borromeano idealmente concebido seria o mito do sujeito enquanto real. Mas, como diz Lacan, esse mito se dissolve na resolução do nó, na medida em que ele falha, que há lapso no nó, o que o conduz a supor um quarto elo que funcionaria como ponto de amarração.

É no contexto de seus exercícios sobre o nó borromeano em suas diversas formas, através dos quais pretende “esbarrar” no real, que Lacan toma a escrita joyceana como instrumento para avançar neste caminho, pois ela evidencia de forma clara o lapso do nó. O quarto elo – que a partir daí será designado como *Sinthoma* - funciona onde o traçado do nó falha, no lapso do nó. A arte de Joyce substancializa em sua consistência e em sua *existência* o quarto termo essencial ao nó, aproximando-se dele o mais possível. Para Lacan o texto de Joyce é igualzinho a um nó borromeano e, como ele, traz muitos enigmas.

O nó a quatro já havia sido anunciado no seminário anterior (*RSI*), sendo o quarto elo designado pelos termos de *realidade psíquica* e *complexo de Édipo*, por referência à Freud, mas também pelo de *Nome-do-Pai*, como corda que sustenta os três registros. O trabalho sobre Joyce faz com que Lacan conceba uma outra amarração possível, para além do *Nome-do-Pai*. Sua hipótese é de que a arte de Joyce supriu sua sustentação fálica - partindo da suposição de que houve neste caso uma forclusão de fato – permitindo uma outra amarração do nó, que não pelo *Nome-do-Pai*.

Ao segmentar as frases e quebrar palavras, em um progresso contínuo que chega a dissolver a própria linguagem, a escrita de Joyce revela como as palavras lhe eram impostas. Lacan assinala que Joyce, com sua loucura, dá uma dica disso que o homem comum, dito “normal”, não percebe: o quanto as palavras de que dependemos nos são impostas. Mas há em Joyce, na medida em que ele é um artista, uma reflexão ao nível da escrita e é por meio dela que a palavra se decompõe, seja para libertar-se do parasita que ela é ou, ao contrário, por se deixar invadir por sua polifonia.

Ao longo do Seminário 23, a análise que faz de Joyce vem acompanhada todo o tempo de suas tentativas de desdobrar, decompor, quebrar o nó borromeano, dissolvendo-o

na cadeia borromeana. Pode-se perceber um gozo na manipulação das cordas, das retas e círculos, nas inúmeras possibilidades de amarração dos elos, que poderíamos ousar aproximar do gozo de Joyce ao escrever *Finnegans Wake*. O que é importante marcar, contudo, neste jogo de barbantes muita vezes enigmático para nós, é a relação fundamental com a escrita que esse exercício mantém. O nó é algo que se escreve, é uma escritura através da qual Lacan elabora a questão do real. O nó, como escritura, suporta o real, uma vez que não há outra idéia sensível do real. O nó é o próprio real. As últimas sessões do seminário são dedicadas a isso, quando ele oferece a seus ouvintes, por meio do nó, um *pedaço de real*. O nó se apresenta aí como um caroço, um osso, uma ponta de real, em torno do qual o pensamento circula.

Lacan se vale do texto de Joyce para mostrar que, com sua maneira própria de lidar com as letras, o escritor dá o modelo do inconsciente, pensado como conjunto de letras, no qual estamos engajados através do Sinthoma. Isso pressupõe um laço estreito entre o Sinthoma e o real do inconsciente. Não se trata mais aqui do sintoma como formação do inconsciente que se oferece à decifração em análise, na busca do sentido, mas da letra real como cifra de gozo, o que leva Lacan a um ponto limítrofe. “O que Joyce adianta de modo especialmente artístico é o Sinthoma tal que nada se pode fazer para analisá-lo” (16/03/1976).

Com sua arte, Joyce inventa, a partir de pedaços de real que retornam nas epifanias e nas palavras impostas, uma escrita que faz um nome, já que seu pai não lhe legou um, e que sustenta o seu ego. Em um paralelo, podemos dizer que Lacan sustenta neste seminário sua própria invenção – *a invenção do real*. Não se trata apenas da invenção de uma idéia, de um conceito, mas de um pensamento suportado por uma escritura, através do nó. Com isso marca sua diferença em relação a Freud: “A instância de saber que Freud renova sob a forma de inconsciente, não supõe, de modo algum, obrigatoriamente, o real de que me sirvo” (13/04/1976). Algo se impôs a ele e o real é a sua resposta sintomática à descoberta freudiana do inconsciente, como ele mesmo diz. É por esta via que Joyce faz sintoma para ele e representa o signo do seu embaraço.

Se tomarmos a palavra embaraço como indicativa de uma “forma ligeira de angústia” (Lacan, 1962-63), vemos que sua etimologia evidencia que se trata da experiência da barra, da barra do sujeito (\$) que Lacan nos traz neste seminário, ao deixar falar e tentar

escrever o seu próprio *sinthoma*. Às voltas com este embaraço, ele marca, em sua última lição, uma distância entre a escrita, que precisa ser melhor investigada e a psicanálise, ao afirmar que a escrita do nó pode ajudar a entender como Joyce funcionou como escritor, mas “a psicanálise é outra coisa”. Passa por um certo número de enunciados e não leva necessariamente a escrever (11/05/1976).

Se nem toda invenção passa pela escrita e nem toda psicanálise com sucesso faz de um analisante um escritor ou um artista, a leitura deste seminário, com suas articulações e enigmas, não deixa dúvidas quanto à enorme gama de desenvolvimentos clínicos que a invenção do *Sinthoma*, a partir de um *pedaço de real*, possibilita. Ao elevar o sintoma à 2ª potência, retirando-o da condição de metáfora de desejo para apresentá-lo como escrita de gozo, Lacan abre novos caminhos para pensarmos a função da escrita em psicanálise, seu lugar na clínica, em especial na clínica da psicose e o final de análise. Quanto ao último, podemos apenas dizer que Joyce, com sua invenção, ao fazer da letra lixo, evidencia um *savoir faire* com *alingua* que uma análise levada ao seu final pode propiciar. Ao se defrontar com este irredutível do gozo do qual nada mais há a dizer, inventa-se alguma coisa, entre elas, como *sinthoma*, fazer função de analista e/ou escrever.

Referências bibliográficas:

FREUD, Sigmund. “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921) in *Obras psicológicas Completas*, Rio de Janeiro, Imago, v. XVIII, 1976, p. 89-179.

JOYCE, James. *Retrato do artista quando jovem*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1984.

----- *Ulisses*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2000.

----- *Finnegans Wake*, (tomo I), Porto Alegre, Casa de Cultura Guimarães Rosa, 1999.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, Jacques. *Seminário 10* (1962-63) *A angústia*, inédito.

----- *Seminário 19* (1971-72), *Ou pior*, inédito.

- *Seminário 20, Mais, ainda* (1972-73), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Eds., 1982.
- *Seminário 21, Os não-tolos erram* (1973 -74), inédito.
- *Seminário 22, RSI* (1974 -75), inédito.
- *Seminário 23, O Sinthoma* (1975-75), inédito.
- *Joyce, O Sintoma* (1975), Coimbra, Escher S.A., 1986.
- “A terceira” (1974) *Che vuoi*, ano 1, n. 0, Porto Alegre, Cooperativa Cultura Jacques Lacan, 1986.
- *Escritos* (1966), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Eds., 1998.
- “Lituraterra” (1971) in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2003.
- LAURENT, Eric. “Gozo o sintoma” in LACAN, Jacques *Joyce, O Sintoma* (1975), Coimbra, Escher S.A., 1986.
- MARTINHO, José. “Todos pós-joyceanos”, in LACAN, Jacques *Joyce, O Sintoma* (1975), Coimbra, Escher S.A., 1986.
- REGNAULT, François. *Em torno do vazio*, Rio de Janeiro, Contracapa livraria, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.